

O ESTUDO SOBRE UMA FAMÍLIA DE SALTEADORES NA FRONTEIRA MERIDIONAL DO BRASIL (DÉCADA DE 1880)

DÁRIO MILECH NETO¹; JONAS MOREIRA VARGAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – milechneto@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jonasmvargas@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho acadêmico é parte de uma tese de doutorado em história, ainda em desenvolvimento, cujo tema versa sobre a história da prática de banditismo na região meridional do Brasil na década de 1880. A tese tem como objetivo geral verificar e problematizar as ações de uma quadrilha de salteadores liderada por um lavrador, chamado Juvêncio Rodrigues Pereira. No caso da pesquisa aqui apresentada analisamos alguns crimes cometidos por membros da família Couto, que faziam parte do bando. Com isso, nossa pretensão foi compreender melhor a dinâmica desse grupo de criminosos.

O banditismo enquanto assunto foi estudado e teorizado por vários historiadores ao longo do tempo. Um dos primeiros pesquisadores a se debruçar sobre essa temática foi Eric Hobsbawm, em dois livros, *“Rebeldes Primitivos”*, lançado em 1959 e *“Bandidos”*, de 1969. Foi sobretudo nessa última obra que HOBBSAWM (2015) escreveu sobre o conceito de “bandido social”, o qual difere do bandido comum. Os bandidos sociais seriam transgressores, pertencentes ao mundo rural, categorizados como criminosos pelos senhores e pelo Estado, mas que eram, ao mesmo tempo, admirados e sustentados pela sociedade camponesa. Eles dispunham de certa “proteção” nos locais em que passavam.

Essa categorização de HOBBSAWM (2015) sofreu duras críticas. Dentre essas elas, destacam-se os comentários escritos pelo antropólogo Anton Blok. BLOK (1972) citou que a categoria de “bandido social” pouco tinha a ver com a realidade e que preferia os casos específicos ao modelo, sugerindo que fosse estudado o mundo rural como um todo para descobrir as relações sociais existentes nele.

Já o autor norte-americano Richard Slatta preocupou-se em trazer novos tipos de fontes para a abordagem do banditismo, como os arquivos da polícia e do poder judiciário, criticando HOBBSAWM (2015) por depender demais de fontes populares e folclóricas, além de criticar a ausência da visão que as classes médias urbanas teriam desses bandidos. Por fim, SLATTA (1987) ainda afirmou que é impossível falar de um banditismo social na América Latina. O embasamento para tal afirmação estaria no fato de que a relação da elite rural com os bandidos dificultaria que ele se tornasse herói popular. Mas o próprio HOBBSAWM (2015) afirmou que o bandido social poderia, em muitos casos, ser apoiado pelo dono do poder local.

Logo, para nosso trabalho, os três autores citados são os principais que utilizamos. BLOK (1972) nos auxiliou a perceber o contexto do mundo em que os criminosos estavam inseridos, SLATTA (1987) sugeriu fontes importantes para o estudo do tema e HOBBSAWM (2015), mesmo que tenha sofrido críticas, continua sendo importante para as pesquisas sobre banditismo, visto que ele fez um apanhado geral de como tal fenômeno ocorreu no mundo inteiro e notou algumas similaridades entre os casos que analisou.

2. METODOLOGIA

As fontes históricas que utilizamos foram as notícias publicadas em periódicos sobre a quadrilha, sobretudo em dois diários da cidade de Pelotas: o *Correio Mercantil* e *A Discussão*. Esses dois jornais eram os que mais se ocupavam em relatar as atividades do bando de Juvêncio Pereira. Para o uso desse tipo de fonte tivemos os cuidados de análise propostos pelo historiador francês Dominique Kalifa, para termos a devida atenção com os discursos presentes nos textos jornalísticos, tais como suspense e sensacionalismo (KALIFA, 2019).

Em um segundo momento buscamos os nomes dos indivíduos (citados nas notícias) em processos criminais no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS). Para entendermos essa categoria de fonte histórica e como era constituído um processo-crime na época, tivemos como base a leitura do trabalho acadêmico de THOMPSON FLORES (2012).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o entrecruzamento das fontes jornalísticas e judiciais, percebemos que o bando de Juvêncio Pereira era composto por diversos membros da família Couto. Entre eles, podemos citar: os irmãos Francisco Luiz do Couto, Raphael Luiz do Couto e Honorato Luis do Couto, Francisco Sobrinho e Marciano Luiz do Couto (filhos de Raphael do Couto) e Galeano Couto.

Foi Honorato quem escreveu uma carta, publicada em 1º de outubro de 1884, no jornal *A Discussão*, denunciando a violência cometida pelas pessoas que estavam em busca de integrantes da quadrilha. O citado jornal rivalizava com o *Correio Mercantil*, tentando mostrar o quanto as forças oficiais poderiam ser tão violentas quanto os bandidos. Essa busca na casa de Honorato tinha um objetivo: encontrar Francisco Luiz do Couto, que estava desafiando as autoridades após a prisão de seu irmão, Raphael, acusado de extravio de cargas em 1884.

O carregamento com três cargas puxadas por juntas de bois saiu da casa de comércio de Rafael Zamorano, em Pelotas, contendo açúcar, sabão, 34 rolos de arame e outros itens diversos, e teriam como destino a casa de Israel Nunes Garcia. Contudo, verificaram que o homem que foi buscar as cargas no estabelecimento, se passando por Israel, era na realidade João Lopes de Vasconcellos, um dos bandidos da quadrilha de Juvêncio, apelidado de “Testa Furada”. As três carretas foram levadas por João Lopes e pelos irmãos Francisco Sobrinho e Marciano, que deixaram duas das cargas na casa de seu pai, Raphael.

Ocorreu, então, uma denúncia e as autoridades localizaram os rolos de arame no pátio da residência de um dos genros de Raphael do Couto. Um processo foi instaurado e, Raphael, preso temporariamente. A partir desse processo conseguimos vislumbrar melhor um panorama de como o roubo de cargas aconteceu e, também, ficamos sabendo como a quadrilha agia.

Com os depoimentos das testemunhas vimos que Fahico (apelido pelo qual Raphael era conhecido), além de lavrador, tinha sido comerciante anteriormente, vendendo produtos na zona rural por um preço geralmente menor do que os praticados na cidade, o que causava estranheza entre os vizinhos. Ele seria dono de uma das carretas que foram usadas no episódio de desvio de cargas. Já seus filhos envolvidos no crime tinham a profissão de carreteiros, fazendo fretes entre Pelotas e as freguesias do interior da fronteira sul.

Na mesma parte de testemunhos, verificamos uma outra família envolvida e que tinha amplos vínculos na região dos atuais municípios de Cerrito e Capão do Leão: a família Caldeira. O major Antonio Joaquim Caldeira, criador, tinha sido patrão de Raphael. Ele não só testemunhou a favor do réu, como também organizou um abaixo-assinado para libertá-lo. Interessante ressaltar que Antonio seria irmão do subdelegado de polícia Israel Joaquim Caldeira, que investigava e perseguia o bando de Juvêncio Pereira. Sabemos, também, que o major era padrinho de um dos filhos de Raphael.

Como dissemos acima, enquanto se dava o desenrolar do processo, o irmão de Fahico, Francisco Luiz do Couto, tentava provocar as autoridades e encontrar a pessoa que denunciou o crime. Ele matou um jovem de 16 anos, chamado Manoel José da Silva, que estava comprando farinha em uma venda apenas por desconfiar que o mesmo seria o delator. Francisco era um dos companheiros mais próximos de Juvêncio Pereira que, a essa altura, estaria intimidando e ameaçando pessoas que tentasse se envolver no processo (segundo os jornais).

O periódico *A Discussão* informou que, após conseguir a liberdade e sair da cadeia, Raphael do Couto foi morto com uma punhalada em 19 de outubro de 1885 por um indivíduo chamado Luiz de Castro. Se nos baseássemos apenas nos jornais, não saberíamos o possível motivo do crime. Mas o processo contra Fahico é esclarecedor, pois tinha como uma das testemunhas acusatórias justamente Luiz de Castro. Durante o depoimento, eles teriam discutido e Raphael denominado Luiz de Castro como sendo um “inimigo capital”, demonstrando que uma possível rixa entre os dois já existia anteriormente.

Antes disso, em novembro de 1884, o mais jovem da família Couto, Marciano foi executado em uma emboscada feita pelo subdelegado de polícia de Cerrito, Bernardino Porto, a qual Juvêncio Pereira foi ferido.

Já em junho de 1888 (momento em que a quadrilha já havia sido desmantelada), Honorato Luiz do Couto teve sua residência invadida pelas autoridades que buscavam por Francisco Couto Sobrinho (conhecido como Camillo Couto). Nessa ocasião, Honorato não foi somente espancado, mas também sua barba foi cortada como forma de humilhação elaborada pelos soldados. Ele ainda foi réu em um processo de março de 1895, acusado de ter atirado em sua própria filha, Mathildes Avelina do Couto, de 18 anos, por não concordar com o namoro que ela mantinha até então com um rapaz da região.

4. CONCLUSÕES

Por fim, notamos o quanto a família Couto estava envolvida em uma série de crimes e conflitos com autoridades locais. Logo, concordamos com uma das teses gerais de HOBSEBAWM (2015), a de que “as vocações criminosas eram frequentemente hereditárias” (HOBSEBAWM, 2015).

Enquanto resultado, podemos compreender melhor a ampla rede de contatos que o Juvêncio Pereira mantinha e o quanto essa rede era acionada para cometimento de crimes, tendo a sua figura um papel central, protegido, visto que seu nome poucas vezes foi citado no processo contra Raphael Couto, ao contrário das páginas dos jornais. A chamada “rede de solidariedade” formada pela parentela e a comunidade local é uma das principais chaves para compreendermos a proteção que dispunham os bandidos nas mais diferentes épocas da história.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOK, A. The peasant and the brigand: Social Banditry reconsidered. In: **Comparative studies in Society and History**. Cambridge: Cambridge University Press, v. 14, n. 4, September 1972.

HOBSBAWM, Eric J. **Bandidos**. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

HOBSBAWM, Eric J. **Rebeldes Primitivos: Estudios sobre las formas arcaicas de los movimientos sociales em los siglos XIX y XX**. Barcelona: Editorial Ariel, 1983.

KALIFA, Dominique. **A Tinta e o Sangue: narrativas sobre crimes e sociedade na Belle Époque**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SLATTA, R. (Ed.). **Bandidos. The varieties of Latin American Banditry**. New York: Greenwood Press, 1987.

THOMPSON FLORES, Mariana F. da C. **Crimes de fronteira: a criminalidade na fronteira meridional do Brasil (1845-1889)**. 2012. 343 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.